

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Carolina Gomes Sachet

**Percepções sobre o Bem-estar Animal em Florianópolis:**  
um estudo com integrantes da Organização Bem Animal (OBA)

Florianópolis  
2019



Carolina Gomes Sachet

**Percepções sobre o Bem-estar Animal em Florianópolis:**  
um estudo com integrantes da Organização Bem Animal (OBA)

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentado como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Grisotti

Florianópolis  
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Sachet, Carolina Gomes  
Percepções sobre o Bem-estar Animal em  
Florianópolis : um estudo com integrantes da  
Organização Bem Animal (OBA) / Carolina Gomes Sachet  
; orientadora, Marcia Grisotti, 2019.  
43 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências  
Sociais, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

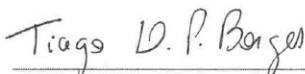
1. Ciências Sociais. 2. Bem-estar. 3. Animal. 4.  
Senciência. 5. Cachorro. I. Grisotti, Marcia. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Ciências Sociais. III. Título.

Carolina Gomes Sachet

**Percepções sobre o Bem-estar Animal em Florianópolis:**  
um estudo com integrantes da Organização Bem Animal (OBA)

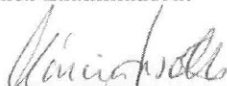
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais e aprovado em sua forma final do Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 05 de julho de 2019.

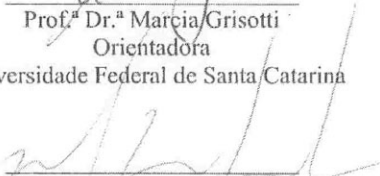


Prof. Tiago Daher Padovezi Borges  
Coordenador do Curso

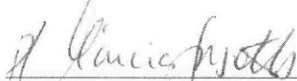
**Banca Examinadora:**



Prof.ª Dr.ª Marcia Grisotti  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.ª Dr.ª Márcia da Silva Mazon  
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.ª Dr.ª Kênia Mara Gaedtker  
Instituto Federal de Santa Catarina



## RESUMO

Este trabalho propõe-se a analisar as percepções sobre o Bem-estar Animal em Florianópolis a partir dos seguintes questionamentos: quais as experiências concretas de Bem-estar Animal vivenciadas pela OBA? O que é bem-estar-estar animal e quais as potencialidades e limites da aplicação da legislação percebida pelos voluntários da OBA e da DIBEA? Para responder aos mesmos, foi feita entrevistas com voluntários da Organização Bem Animal (OBA) e também com a antiga diretora da Diretoria de Bem-estar Animal (DIBEA). Além disso, foi feita revisão bibliográfica de obras de autores como Keith Thomas, Peter Singer e Andrea Osório. Buscou-se refletir sobre o que é bem-estar animal, a visão sobre os animais, quais são os animais de estimação, quem são os protetores, e demais pontos que ajudariam na análise do projeto.

**Palavras-chave:** Bem-estar. Animal. Senciência. Cachorro. Estimação. Protetores.





## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BEA	Bem-estar Animal
CCZ	Centro de Controle de Zoonoses
DIBEA	Diretoria de Bem-estar Animal
OBA	Organização Bem Animal
ONG	Organização Não Governamental



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>ABORDAGENS SOBRE RELAÇÕES HUMANOS E ANIMAIS: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES .....</b>	<b>15</b>
2.1	BEM-ESTAR ANIMAL .....	15
2.2	A VISÃO SOBRE OS ANIMAIS.....	17
2.3	ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO: BEM-ESTAR PARA ALGUNS ANIMAIS.....	21
2.4	PROTETORES DE ANIMAIS .....	24
<b>3</b>	<b>BEM-ESTAR ANIMAL NO BRASIL E EM OUTROS PAÍSES .....</b>	<b>29</b>
<b>4</b>	<b>PERCEPÇÕES SOBRE O BEM-ESTAR ANIMAL EM FLORIANÓPOLIS: UM ESTUDO COM INTEGRANTES DA ORGANIZAÇÃO BEM ANIMAL (OBA).....</b>	<b>31</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>37</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>39</b>
	<b>APÊNDICE A – Perguntas semiestruturadas .....</b>	<b>43</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A relação homem e animal existe desde a pré-história. Desde os primórdios o animal teve papel importante para com a sobrevivência dos humanos. Era seu meio de transporte, sua arma de caça. Porém, essa relação mudou principalmente depois da Revolução Industrial, quando os animais passaram a não ser somente vistos como seus utilitários, mas vistos como amigos, que podiam ser bons, para além do plano material. A cada descoberta acerca do animal, do seu comportamento, das suas funções biológicas, sua racionalidade, essa relação muda mais drasticamente. Cada vez mais, as relações se tornam mais próximas, íntimas, sendo muitos tratados como membros da família. Segundo pesquisa feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2013, no Brasil existem mais cachorros de estimação do que crianças. De acordo com a pesquisa, 44,3% das residências possuem pelo menos um cachorro. Já outra pesquisa feita pelo curso de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo e encomendada pela Mars Brasil, uma fabricante de alimentos para animais, concluiu que dentre os entrevistados que não tem animais de estimação, 100% tem vontade de adotar ou comprar um. Um dos motivos para ainda não ter um animal, é por não passar muito tempo em casa, e não ter alguém para cuidar do mesmo.

Dentro da diversidade dos termos relacionados às relações humanos e animais, me deterei na análise sobre o chamado Bem-estar Animal. Mas o que é Bem-estar Animal?

Em 1824, em Londres, foi criada a primeira associação de proteção ao animal, a Sociedade Real para a Prevenção da Crueldade aos Animais (RSPCA). Esta é até hoje a maior organização de bem-estar animal do mundo. No ano de 2018, mais de 129 mil animais foram resgatados.

Apesar de já se ter conhecimento do assunto acerca do bem-estar animal, de acordo com Donald Broom (2011), biólogo formado na Universidade de Cambridge e um dos grandes estudiosos sobre o Bem-estar Animal, foi depois do lançamento do livro “*Animal Machines*” da Ruth Harrison em 1964, em que a autora traz à tona que os animais nas indústrias do setor de produção de alimentos eram tratados mais como máquinas do que como seres vivos, que o tema foi discutido mais seriamente e foi levantada novas questões e estudos sobre a sensibilidade dos animais. Como consequência deste livro, em 1965 o governo britânico criou o Comitê Brambell. Um dos membros foi

Thorpe, um etólogo da Universidade de Cambridge. O mesmo apontou que diante do entendimento da biologia, os animais têm necessidades, e que caso essas necessidades não fossem atendidas, estes teriam problemas. Estas ideias foram escritas posteriormente no Relatório Brambell<sup>1</sup>, como as “cinco liberdades”, sendo estas: 1- Liberdade fisiológica: o animal deve estar livre de fome e sede, 2- Liberdade ambiental: livre de desconforto, 3- Liberdade sanitária: livre de dor ou doença, 4- Liberdade comportamental: livre para expressar os seus comportamentos normais, 5- Liberdade Psicológica: livre de medo e aflição assegurando condições e tratamento que evite em sofrimento mental (ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE VETERINÁRIA, 1989).

O conceito de Bem-estar animal está em constante reformulação, conforme novos resultados de pesquisa acerca dos animais vão surgindo. Pode-se dizer que é um termo ainda em construção (MACIEL, 2009). E por conta dessa polissemia que envolve esse conceito, foi visto que as “cinco liberdades” fornecem apenas uma orientação geral. A promoção do BEA propicia a manutenção dos sentimentos e saúde. Broom garante que a grande questão do mesmo, são as necessidades do animal, a sua qualidade de vida, o seu funcionamento orgânico e saúde, ter controle da estabilidade mental e corporal. Isso porque os animais têm a capacidade de detectar e responder rapidamente aos impactos sobre os ambientes.

Os direitos dos animais estão preconizados em leis. No Brasil, a primeira lei de proteção ao animal é de 1934, o Decreto Lei 24.645/34, promulgada pelo então presidente Getúlio Vargas. Este decreto possui 19 artigos, e decreta que todos os animais do País são tutelados do Estado, que caso mau trate o animal, receberá multa e prisão. No Art. 3 denomina os maus tratos, sendo estes trinta e um. Atualmente existem leis federais, estaduais, municipais e até mesmo de nível internacional.

Do ponto de vista pragmático, muitos municípios brasileiros estão com dificuldades de fomentar o Bem-estar Animal. Neste projeto nos deteremos na análise dessa problemática no município de Florianópolis.

Em Florianópolis quem averigua e recolhe os animais em situação de risco é a Diretoria do Bem-estar Animal (DIBEA). A DIBEA está localizada no Centro de Zoonoses de Florianópolis, onde os

---

<sup>1</sup> Esse relatório foi a conclusão de um estudo sobre as condições dos animais de produção, encomendado pelo governo do Reino Unido, e realizado por uma equipe de peritos, coordenado pelo professor Dr. Roger Brambell.

animais recebem cuidados veterinários, são castrados e colocados para adoção. Outra instituição que atua no Bem-estar Animal de Florianópolis junto à prefeitura é a Organização Não Governamental (ONG) Organização Bem Animal (OBA). A OBA foi fundada há mais de 12 anos, e tem dois grandes projetos, sendo um deles a Cão Terapia, que acontece todos os sábados (que não chove) no CCZ desde 2007. É um projeto aberto ao público que tem como principal objetivo ajudar os cães e gatos que estão ali e foram resgatados de maus tratos, onde você passeia com o cão, faz carinho, dá petiscos, e ajuda a construir novamente a confiança do animal. Após participar deste projeto por mais de cinco anos, e ver de perto o trabalho destas pessoas, surgiram alguns questionamentos a respeito do Bem-estar Animal na cidade: Quais as experiências concretas de Bem-estar Animal vivenciadas pela OBA? O que é bem-estar-estar animal e quais as potencialidades e limites da aplicação da legislação percebida pelos voluntários da OBA e da DIBEA?

Nesse contexto, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar como se constituiu o significado do bem-estar animal para os voluntários da OBA. Para isso, identificamos as experiências concretas de Bem-estar Animal vivenciadas pela OBA e os significados atribuídos por seus membros, assim como analisamos as percepções dos voluntários da OBA quanto as potencialidades e limites da aplicação da legislação do BEA em Florianópolis e o que entendem por BEA.

Para atingir esses objetivos foi realizada entrevistas semiestruturadas com os voluntários da organização não governamental Organização Bem Animal. Paralelamente a isso, realizou-se revisão bibliográfica.

No início do meu trabalho de conclusão de curso, a OBA ainda atuava no CCZ com o projeto “Cão Terapia”, onde voluntários, nos sábados em que não chovia, passeavam com os cães que foram resgatados pela prefeitura, visitavam o gatil municipal, levavam doações, e até mesmo realizavam adoções. Porém em novembro de 2018, o contrato entre a DIBEA e a OBA não foi renovado por parte do município, após mais de 10 anos de vínculo, alegando que não seria possível continuar com o projeto por conta das obras que iriam acontecer no CCZ ([https://www.facebook.com/obafloripa/photos/a.386539682318/10156664269237319/type=3&theater&hc\\_location=ufi](https://www.facebook.com/obafloripa/photos/a.386539682318/10156664269237319/type=3&theater&hc_location=ufi)). De qualquer maneira, as entrevistas com estes voluntários se devem ao fato destes já terem

uma visão deliberadamente em defesa do BEA e trabalhado de perto com o órgão responsável pelos animais da cidade.

O TCC está dividido em três partes. A primeira procura identificar algumas abordagens teóricas sobre as relações humanos e animais. Na segunda parte, aponta-se alguns contrastes entre o Bem-estar animal no Brasil e em outros países e na terceira descrevemos a análise dos dados da pesquisa sobre as percepções sobre o Bem-estar Animal em Florianópolis, a partir de um estudo com integrantes da Organização Bem Animal (OBA).



## 2 ABORDAGENS SOBRE RELAÇÕES HUMANOS E ANIMAIS: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES

Nesse item trabalharemos alguns temas relacionados ao estudo sobre as relações humanos e animais; entre eles destacamos bem-estar - estar animal, animais de estimação, a visão sobre os animais, proteção dos animais.

### 2.1 BEM-ESTAR ANIMAL

Como enunciado anteriormente, podemos dizer que o termo Bem-estar animal é um termo em construção, polissêmico, Tannebaum (1995 apud MACIEL, 2009) constatou que haviam mais de 13 definições para BEA, entre livros e artigos.

Broom (2003), como tratei anteriormente, define BEA como a capacidade do animal em se adaptar ao seu meio ambiente. Além disso, diz que nós devemos descrever as obrigações e não os direitos. Pois assim, independe de você interagir ou não com os animais, você tem obrigações com seu bem-estar. Outro autor que traz a questão do meio ambiente à tona, citado por Maciel (2009) é Hughes (1976 apud MOLENTO, 2003), que determina que BEA é “um estado de completa saúde física e mental, em que o animal está em harmonia com o ambiente que o rodeia”.

Peter Singer (1975) defende que a única justificativa para os animais humanos, como gosta de chamar, excluírem as preocupações éticas dos animais não humanos, é o especismo. De acordo com o mesmo, o especismo seria uma forma de racismo, já que se caracteriza por não se ter consideração por aqueles que são de outra espécie.

O especismo faz com que toleremos crueldades em membros de outras espécies, que nos deixaram indignados se realizados com seres humanos. (SILVA, 2009, p. 58).

Do ponto de vista ético, não se pode justificar essa diferença de tratamento, somente por serem de espécies diferentes. Se tratando de ética, deve existir uma lei universal, vai além do “eu” e do “você”.

A partir disso, Singer cria o Princípio da Igual Consideração de Interesse, em que diz que devemos levar em consideração os interesses de todos os seres sencientes como os humanos, mesmo que estes não utilizem da mesma linguagem que nós, tenham o mesmo grau de raciocínio ou inteligência.

Este princípio ressalta que devemos levar em consideração as semelhanças existentes entre os humanos e os animais, não quer dizer que não exista diferenças. Sendo assim, não defende que todos os seres devem ser tratados de maneira igual, como são espécies diferentes, terão interesses diferentes. Para o especismo, a morte de um homem e de um animal não tem o mesmo peso. O que ele estabelece é que ambos tenham semelhante direito a vida.

O princípio da igualdade diz que cada ser deve receber o que for necessário para viver bem. Trata ainda, que o fato de que estes seres sentem dor, sofrem, tem medo, assim como nós, nos aproxima ainda mais destes se tornando um dever moral considerar suas necessidades e sentimentos.

O argumento para estender o princípio da igualdade além da nossa própria espécie é simples, tão simples que não requer mais do que uma clara compreensão da natureza do princípio da igual consideração de interesses. Como já vimos, esse princípio implica que a nossa preocupação com os outros não deve depender de como são, ou das aptidões que possuem (muito embora o que essa preocupação exige precisamente que façamos possa variar, conforme as características dos que são afetados por nossas ações). É com base nisso que podemos afirmar que o fato de algumas pessoas não serem membros de nossa raça não nos dá o direito de explorá-las e, da mesma forma, que o fato de algumas pessoas serem menos inteligentes que outras não significa que os seus interesses possam ser colocados em segundo plano. O princípio, contudo, também implica o fato de que os seres não pertencerem à nossa espécie não nos dá o direito de explorá-los, nem significa que, por serem os outros animais menos inteligentes do que nós, possamos deixar de levar em conta os seus interesses. (SINGER, 1975 apud SILVA, 2009, p. 55)

Para Singer (1975) é a sciência dos animais que os torna seres dignos de terem seus interesses considerados. Dentro dessa discussão, como os humanos em situação de perigo, tentam se defender, não querem sofrer ou ser mortos, da mesma maneira se comporta os seres sciências, e Singer afirma que não temos o direito de submete-los a essas situações. Peter não trata de os animais terem direitos ou não, mas

sim, que humanos, tem que ter deveres para com eles. “O princípio da igualdade de interesses nos obriga a tratar com a mesma consideração todos aqueles que estejam em situação semelhante”. (SILVA, 2009, p. 9).

Tom Regan (2006) segue a linha de que todos os seres têm direito moral básico por uma questão de justiça.

Tratar com respeito os animais deixa de ser uma questão de bondade ou sentimentalismo, torna-se uma questão de justiça, pois a capacidade dos animais de diferenciar experiências de prazer e de dor, de sentir bem-estar ou mal-estar e de ter preferência por um estado em vez de outro, evidencia a capacidade de agregar valor intrínseco à própria vida. (MACIEL, 2009, p. 40).

Já Appleby (1999), considera BEA como a qualidade de vida dos animais (HOTZEL, 2005 apud MACIEL, 2009, p. 129).

## 2.2 A VISÃO SOBRE OS ANIMAIS

Para Peter Singer (1975), a história do especismo, como chama em seu trabalho, teve início no pensamento pré-cristão. Segundo o mesmo, na Bíblia consta que Deus criou o homem e os animais, e ali mesmo coloca o homem em posição superior ao animal. Foi o cristianismo que trouxe essa idealização do homem como ser sagrado e destinado a uma vida pós morte, que só a ele cabia. Para ele o “cristianismo deixou os seres não humanos fora dos limites da compaixão” (SINGER, 1975, p. 147). S. Tomás pregava que assim como os animais comem as plantas, os homens comem os animais. Que comer os animais não é um ato injusto, já que Deus criou os homens como seres superiores e os demais para lhe servir.

O pensamento de S. Tomás foi utilizado por séculos. Singer (1975) traz até uma passagem em seu trabalho, do séc. XX que ainda cita este pensamento, mesmo tendo se passado setecentos anos, o qual o autor fica abismado, pois este, segundo ele, poderia ter pego qualquer livro banal sobre nutrição para ter mais noção do erro que estava cometendo.

De acordo com Singer (1975), até existiram cristãos que defenderam os animais como S. Basílio, S. João Crisóstomo e S. Isaac, que pediam compaixão aos animais. Porém, segundo Singer, apesar de tentar ajudar os animais, suas fontes eram totalmente especistas, não se

desvinculando do pensamento cristão. A grande exceção dentro do cristianismo é o S. Francisco de Assis, que se preocupava com o bem-estar dos animais. Mas de acordo com Peter (1975), o fato de o mesmo ter adoração por todas as criaturas, sendo elas plantas, rochas, o sol, animais, levantava um certo questionamento a sua atitude de preocupação, já que não levava em conta o grau de sensibilidade das criaturas. Da mesma forma, S. Francisco de Assis não questionava o fato de os animais serem servidos de alimentos, apenas não os devia em períodos de jejum.

Somente em 1988, que o atual papa João Paulo II disse o contrário, mostrando que o movimento ecológico estava abalando as doutrinas cristãs. Este disse ainda que o poder que o criador deu ao homem não era absoluto, e que então não se podia entender que o homem tinha liberdade para fazer o que quiser para os animais. Este acrescentou ainda, que o homem está sujeito não somente a leis biológicas, mas também morais.

O pior que podia resultar da doutrina cristã para os animais aconteceu, segundo Singer (1975), no séc. XVII a partir dos pensamentos provenientes do filósofo Descartes. O mesmo que é conhecido, dentre outras coisas, como o pai da filosofia moderna, era também cristão, e seu posicionamento perante aos animais é resultado de ambos.

Descartes utilizava da ciência da mecânica, e afirmava que existia dois tipos de coisas no mundo, as de alma ou espírito e as de material ou natureza física. De acordo com o mesmo, como os humanos tem consciência, estes não poderiam ter sido originados pela matéria, e sim por Deus, tendo então alma e sendo imortal. Dessa maneira, Descartes afirma que os animais não têm alma e também não tem consciência, que são meras máquinas, não sentem dor e nem prazer. Essa teoria de Descartes de que os animais não podem sentir, abriu portas para a realização de vários experimentos com animais, sem nem mesmo ser utilizado anestésias. “Diziam que os animais eram relógios, que os gritos que emitiam quando eram golpeados era o ruído de uma pequena mola que tinha sido accionada, mas o corpo não tinha sensibilidade.” (SINGER, 1975, p. 153).

Singer (1975) afirma que de certo modo os experimentos “ajudaram” a levantar certos questionamentos a teoria de Descartes, já que foi possível ver que os animais não diferiam muito do homem fisiologicamente. Era possível ver que os animais tinham os mesmos órgãos que os homens. Tornou-se então comum o posicionamento de que os homens poderiam utilizar-se dos animais, mas desde que fosse

gentilmente. Este novo posicionamento seguiu-se pelo séc. XVIII, em que pela primeira vez o domínio do homem foi chamado de tirania. Keith Thomas (2010), fala que com isso outros animais passaram a ser tratados com mais consideração, como os répteis.

Foi no séc. XVII, que alguma das crueldades praticadas pelos animais, foram banidas por leis. Porém, a princípio, estas foram restringidas somente aos animais de estimação.

Como os animais não tem como falar, queixar-se de algo, foi criada a primeira organização de bem-estar animal, a chamada *Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals* (RSPCA). Alguns anos após a criação dessa primeira organização, começou a ser discutida a teoria da evolução. E foi então, a partir da publicação de “A Origem do Homem” de Darwin em 1871, que passou a ser levantar novos questionamentos acerca da relação homem e animal, sendo descoberto que os homens eram animais. Foi nessa mesma obra que Darwin traz à tona que os animais são capazes de sentir.

A doutrina da evolução colocava o dilema com mais agudeza, pois, se o homem tinha evoluído dos animais, então ou os animais possuíam almas imortais ou os homens não as tinham. (THOMAS, 2010, p. 200)

A partir disso, somente os que tinham fé, segundo Singer (1975), é que se posicionavam contra a teoria da evolução.

Para Singer (1975), o ato mais especista é o de comer outros animais, e apesar de todas essas mudanças, esse ato não deixou de ser praticado. Até mesmo Darwin, que afirma que os animais são capazes de sentir, continuou a se alimentar deles.

Keith Thomas (2010), sugere que já no séc. XII se notava a lealdade dos cães, principalmente dos ditos sabujos e dos cães de caça. Mas no início da era moderna os filósofos e teólogos tinham uma visão antropocêntrica do mundo natural, em que o centro de tudo é o homem, e o restante existe para servi-lo. O nascimento da história natural ajudou a abalar essa visão antropocêntrica, e foi no início do período moderno que é possível ver algumas mudanças quanto a visão para com os animais.

O ataque à ortodoxia convencional teve origem em duas direções diferentes. Havia os céticos e os libertinos que diziam que os homens não eram moralmente melhores que os animais, sendo talvez até piores; e havia quem dizia que os

animais eram intelectualmente quase iguais aos homens. (THOMAS, 2010, p. 173).

Alguns pensadores franceses do materialismo chegaram a afirmar que os humanos só se sobressaíam aos animais por sua organização física ser superior. Thomas (2010) conta que no séc. XVII a ideia mais defendida era a de que tinham uma “espécie de razão”, mas que esta era inferior à dos humanos. Já no sec. XVIII, já se falava em os animais poder raciocinar, mas de forma inferior aos humanos, sendo mais comum ter sensibilidade pelos animais. Nesta época, segundo Keith (2010), foi discutido também se existia diferença entre instinto e razão. Uns diziam que era diferente, pois a razão pode ser aprimorada e o instinto animal não, e outros diziam ser meramente uma diferença de grau de uma mesma qualidade. Ainda sobre a possibilidade de os animais raciocinar, ter inteligência ou não, alguns defensores utilizavam do seguinte exemplo. Se nem mesmo os humanos entendem todos os dialetos, como podem exigir que os animais entendam para então os considerar possuidores de inteligência.

Para Thomas (2010), provavelmente o que estabeleceu que os humanos não eram seres distantes dos animais, assim como para Peter Singer (1975), foi a descoberta da sua semelhança estrutural e, posteriormente, com o avançar da anatomia, que até mesmo os órgãos eram parecidos. Após estas descobertas, o zoólogo Lineu, classificou o homem como “parte da criação animal”, passando a rejeitar a distinção entre animais irracionais e racionais. Rousseau também se pronunciou, afirmando que a linguagem não se passava de algo criado pela sociedade humana, que não era uma virtude do homem. Junto à Rousseau, Monbodo, concordava que as capacidades que os homens tinham, eram resultado de anos de vida em sociedade.

Desta forma, para Thomas (2010), foram os botânicos, astrônomos e zoólogos que começaram a acabar com o pensamento antropocentrismo, com a expansão do conhecimento do mundo. Saber que a terra não era o centro do universo, que existiam outros lugares habitados por espécies que eles não conheciam, que o mundo ia muito além do que eles acreditavam que era. Que até mesmo diversos animais e plantas que já haviam existido e deixado de existir. E foi nos sécs. XVII e XIX, que então surgiu a prova indiscutível dessa teoria, os fósseis. Com isso, acaba com a teoria de que as demais espécies teriam sido criadas para o benefício dos homens, já que estas tinham história independente. O homem então se tornou mais um na terra.

De acordo com Thomas, não foi a humanidade das pessoas que mudou, elas passaram a compreender e se preocupar com outras espécies, visto que estes eram capazes de sentir. Pois anteriormente a preocupação que os humanos demonstravam, na realidade era para com eles mesmos. Havia medo de os homens replicarem as maldades que faziam aos animais a eles mesmos. “Dizia-se que os antigos atenienses condenaram uma criança que cegara corvos por pensarem que um dia ela seria cruel com os homens.” (THOMAS, 2010, p. 213).

### 2.3 ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO: BEM-ESTAR PARA ALGUNS ANIMAIS

Fazendo uma pesquisa genérica no Google sobre o significado de “animal de estimação” a maioria dos sites irá trazer a definição de animais também conhecidos como domésticos, adjetivo que significa relativo ao lar, à vida particular de uma pessoa, à família, ou seja, um animal selecionado para viver dentro do lar da pessoa. De acordo com Steiger (2007), estes são mantidos para companhia e desfrute próprio do ser humano.

Mazon e Moura (2017), em seu artigo “Cachorros e Humanos”, apresentam como uma das justificativas para se ter um animal de estimação, o preenchimento de um vazio, entendendo o animal como pessoa. Em relação a domesticação dos animais, Mazon e Moura (2017), recuperam o ponto de vista de autores importantes sobre o tema:

Ingold (2010) observa que a captura, doma e procriação controladas constituem processos diversos e independentes que não necessariamente se apresentam associados e, por isso, a domesticação não pode ser definida por um ou outro aspecto. Segata (2012) observa que há negociações em torno da humanidade dos animais de estimação em particular: eles foram treinados para modular suas pulsões animais até chegarem ao ponto de gentis companheiros sentados nos sofás de casa em frente à televisão: sem rosnar, sem latir, cheirosos e dóceis. Importante aqui considerar que este não é único caminho da domesticação dos cães. Como mostra o estudo de Digard (2004) na França, a construção social do pitbull (que anteriormente servia de mascote aos regimentos de marinheiros) refere-se a um animal

domesticado, porém, criado para o combate. (MAZON; MOURA, 2017, p. 140).

Gaedtke (2017) retoma Thomas (2010) para mostrar que, no início da idade moderna na Inglaterra,

há três traços particulares que distinguem o animal de estimação dos demais: permissão para entrar na casa, recebimento de um nome pessoal e individualizado, e a impossibilidade de servir como alimento. (THOMAS, 2010 apud GAEDTKE, 2017, p. 20).

Desta maneira, entende-se que qualquer animal pode ser considerado de estimação, o que o diferencia, ou melhor, o que o faz ser ou não de estimação é a forma como é tratado, colocado no ambiente.

Porém, da mesma forma, remete a como o animal está sujeito ao homem. Franco (2001 apud RAÍSA; MARCIANE, 2016) lembra que a

interação do homem com o animal de estimação, mesmo se mostrando afetuosa, se caracteriza por uma relação de autoritarismo, visto que é o homem que decide sobre a liberdade do animal, quando quer dar carinho para ele, e se vai impedir a reprodução dele ou não, por meio da castração.

Assim como Franco (2001), Wrye (2009 apud GAEDTKE, 2017) lembra que definir um animal como sendo ou não de estimação é algo perigoso, já que estes são moldados pela visão que os seres humanos têm para com eles.

Jean Segata (2016), em “Quando o animal dura mais que a estimação”, traz à tona o caso da cachorra Belinha, um animal que estava em sofrimento e o humano, dito como seu dono, decidindo o que seria feito com ela ou não.

Singer (1975), em seu trabalho sobre a Libertação Animal, fala da importância das características que adquirimos ainda quando crianças. Que desde então somos ensinados a ter afeição por animais de estimação, como cães e gatos, se tornando até mesmo inquestionável comer outros animais. Esta atitude é bem criticada por ele, que considera uma contradição, sermos capazes de amar alguns animais e comer outros.

Outros autores criticam essa distinção de tratamento entre animais. De acordo com estes, quanto mais parecido com o humano o animal é, mais sensibilizado é o humano com ele. Jean Segata (2016)



traz em seu trabalho “Quando o animal dura mais que a estimação”, uma passagem de Descola (1998) que fala exatamente isto, que as manifestações de simpatia pelos animais são ordenadas em escala de valor e espécies tidas como mais próximas dos humanos e que, em função de aspectos comportamentais ou faculdades cognitivas, são mais bem cotados na hierarquia de interesse dos grupos protecionistas, ou seja, não se vê a mesma preocupação com uma tênia como se vê por um gato, por exemplo. O que Segata (2016) resume como, “uns são animais demais para privilégios morais, enquanto outros são sociais demais para uma redução à natureza.”. Digard critica e chama isto de “sistema domesticatório”, em que o homem domestica o animal, para este se tornar mais parecido com ele, perdendo suas características animais. Segata (2016), assim como Franco (2001) e Wrye (2009), então conclui que estes animais tidos como de estimação são na realidade fruto dessa relação, deixam de ser animais e se tornam resultado do que o homem quer que este seja.

Keith Thomas (2010), em “O homem e o mundo natural”, trata destas diferenças de tratamento e como o interesse do homem sempre se sobressai. De acordo com o autor, o primeiro animal a se tornar mais íntimo dos humanos foi o cavalo, mesmo que muitos fossem cavalgados até a morte, ou seja, eram bons até deixarem de ser úteis. Porém, o cão era o preferido, já que era o que mais se assemelhava aos humanos, e tinha como dever o de proteger a casa, como também de outras funções práticas, como puxar trenós e carroças. Mas, assim como os cavalos, a partir do momento que deixavam de ser úteis, eram mortos, normalmente afogados ou enforcados.

Como Thomas (2010) chama, eram os animais “desnecessários”, os cães de estimação, que recebiam condições melhores e afeto, e tudo começou pela família real. Já era possível ver a distinção de tratamento entre animais.

Mais representativo era Woodlands, [...] onde em 1638, dizia-se, o salão principal estava semeado de ossos de tutano e repleto de falcões, sabujos, spaniels e terriers. Nas paredes viam-se peles de raposas e de furões recém caçados, enquanto na sala de estar os cães prediletos deitavam ao redor da lareira. (THOMAS, 2010, p. 147).

Era moda ter cães, mas estes deveriam ser pequenos e de raça. Havia até mesmo livros que ensinavam como manter o cão pequeno.

No final do séc. XVII na Inglaterra, trocavam cães vigias por campainhas e foi colocada uma taxa sobre o cão. Estima-se que a população canina era de 1 milhão, sendo a maioria de estimação. Thomas (2010) diz que nesta época, os cães diferiam de status assim como seus donos, cada um tinha o cão que se adequasse a sua posição social, sendo o cão de caça conhecido como fiel, inteligente, o vira lata de açougueiro como rabugento e raivoso, os mestiços e martins como imundos.

Como citado acima, os animais de estimação diferiam dos demais basicamente por três fatores, poder entrar dentro de casa, receber nome individualizado e pessoal e, não poder ser servido como alimento. Keith (2010) ressalta que o fato de este não poder ser servido como alimento, derivava da relação próxima entre dono e animal, a posição social do animal, e não da impossibilidade de comer um animal ou o seu gosto. A carne de cachorro era considerada nobre nas difíceis condições de 1620. Não se comia carne de cavalo pois era caro, e caso fosse primeiro fazer uso dele para depois comer, a carne já não seria boa, seria dura, servindo somente de alimento para a classe trabalhadora, ou como na Guerra Civil, que era alimento somente em extrema necessidade.

Em meados de 1700, Keith relata que era mais evidente a “obsessão por animais domésticos”. Estes por muitas vezes se alimentavam melhor que os empregados e serviam até mesmo de espelho para eles. Os animais de estimação passaram a ser reconhecidos como fonte de satisfação emocional e seguir cada vez mais o mesmo estilo de vida que o dono.

Com o descobrimento da sensibilidade dos animais, tinha-se mais simpatia pelos animais que de certa forma eram mais semelhantes aos homens, aqueles que eram mais perceptíveis à dor, como o cachorro e a lebre. Dessa forma, os peixes, por exemplo, não deixaram de ser pescados, pois não era possível ver que estes estavam sofrendo. A campanha contra a crueldade aos animais, mostrava mais os animais domésticos. Os cavalos com pedigree eram muito mais bem cuidados que os sem, por serem valiosos. De acordo com John Locke, isto não porque os homens tinham amor a eles, mas por ser vantajoso e prazeroso ao homem ter aquele animal.

Desta maneira, podemos refletir até que ponto o bem-estar está relacionado ao animal sem levar em consideração as vontades do humano, e quais animais o detêm.

## 2.4 PROTETORES DE ANIMAIS

Protetores de animais podem ser lembrados por muitos como aquelas pessoas que têm uma superlotação de animais dentro de casa, amantes de animais, e até mesmo como pessoas que gostam mais de animais que de gente. Andrea Osório (2017a) nos traz algumas noções para entender o que faz estas pessoas se tornarem protetores.

Para a autora, os protetores se orientam numa lógica da dádiva, que engloba fatores como obrigação, generosidade e voluntariado. Obrigação, pois os protetores, de acordo com a mesma, veem a proteção como obrigação moral, não só deles, como de todos. Voluntariado, pois recusam esta atuação como profissão. E por fim, generosidade “no sentido de que não atendem a interesses humanos específicos, mas aos interesses dos animais, no sentido utilitarista de Singer (2010).” (OSÓRIO, 2017a, p. 123).

Em um de seus artigos, Osório (2017a) cita Shapiro (2007). Este diz que ter um animal de estimação na infância ajuda a desenvolver a sensibilidade pelos animais e posteriormente a querer os ajudar. Indo de ter um animal de estimação, a voluntariar na cidade, e por fim se tornar uma ativista da causa animal.

Outra autora que cita é a Pallota (2005). Esta fala que existem dois fatores que podem tornar alguém um protetor, a predisposição ou pontos de virada, aquilo que a mesma caracteriza pelas vivências quando criança, e as contingências, que

reportam eventos que fazem o ativista entrar em contato com o momento e tendem a ser concomitantes ao ponto de virada que, por sua vez, é o momento decisivo quando há uma transformação da identidade pessoal e uma mudança no estilo de vida. (OSÓRIO, 2017, p. 258).

Osório (2017a) relata que boa parte dos entrevistados pela Pallota (2005), narram se preocupar com os animais desde criança e que essa preocupação resultou em ser um protetor.

Diferente do que Pallota (2005) afirma, Osório (2017a) diz que parte dos seus entrevistados disseram passar por ambos fatores, em que simultaneamente os levaram ao caminho da proteção. Ela percebe três formas pelas quais estes entrevistados vieram a se tornar protetores. Uma delas é a justificativa de que a ação lhe lembra os tempos de criança, o que a autora considera como sensibilidades adquiridas ou até mesmo inatas. Outra forma é a de que esta ação ressalta o contato com demais protetores. E a última forma são os próprios animais, em que

Osório (2017a) fala que o contato com os mesmos sensibiliza a pessoa a ponto de querer se tornar um protetor.

Quando estes entrevistados são perguntados quanto ao que fazem, surgiram diversas respostas, entre estas, que os protetores ajudam os animais, que os humanos têm obrigações para com eles, que os protetores protegem os animais. Osório (2017a) separa estas respostas entre dois eixos. Um deles o eixo emocional, caracterizado pela sensibilidade sentida pelo animal quando este está em sofrimento, e pelo carinho que sente por este. O outro eixo é o moral, caracterizado pela obrigação que o humano sente de salvar os animais.

Alguns protetores podem passar, segundo Osório (2017a), pelo processo da “conversão”. A conversão trata que ter um animal de estimação na vida adulta pode resultar em esta pessoa passar a se sensibilizar e passar a ser um protetor, sem nem ter tido algum contato com animais na infância. De acordo com Jacobsson (2014), quem passa por esse processo vê os animais como portadores de alma, além disso, classifica este processo tanto sendo pessoal, quanto social.

Porém ressalta,

conforme apontado por vários autores (Ingold 1995; Leach, 1983; Thomas 1988), animais de estimação são uma categoria específica com a qual engendramos relações (e simbolismos) distintos dos que mantemos com outros animais. (OSÓRIO, 2017a, p. 263).

Então, conforme a mesma aponta, o contato com animais de estimação pode gerar vontade em participar de ações de direitos aos animais, ações de bem-estar, ou até mesmo nada.

Para Shapiro (2007), a conversão seria o sentimento de culpa e obrigação para com os animais.

Sobre os protetores de animais, Osório (2017a) conclui que tanto a predisposição quanto a conversão são resultados de acontecimentos pessoais, e é notável a sensibilidade pelos animais em sofrimento. Quando os animais de rua são resgatados pelos protetores, estes têm consciência que terá gastos, que muitas vezes são altíssimos, mas isso não é um empecilho na hora do resgate. “A natureza do cálculo é outra: aparece razões morais e tecno científicas que privilegiam animais doentes, aqueles que justamente exigem mais recursos.” (OSÓRIO, 2017b, p. 111).

Além disso, considera que os protetores acreditam que os animais são seres sencientes. Vê a proteção animal com caráter religioso, pois constitui de símbolos, rituais, vocação, obrigação e comunidade.



### 3 BEM-ESTAR ANIMAL NO BRASIL E EM OUTROS PAÍSES

De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (ABINPET, 2018), o Brasil tem a segunda maior população de cães, gatos, peixes ornamentais e aves canoras do mundo. São 132,4 milhões de animais de estimação, sendo a maior parte de cães, 52,2 milhões, se tornando a quarta maior população de animais de estimação do mundo.

É no decreto n 24.645, de 10 de julho de 1934, que estão estabelecidas as primeiras medidas de proteção aos animais. Neste decreto já é reconhecido de certa maneira a senciência dos animais, mesmo que não formalmente, tendo a preocupação com suas necessidades fisiológicas, e sentimentos como o de dor e sofrimento.

De acordo com a Constituição de 1988, o governo brasileiro tem autoridade para lidar com questões de maus tratos ao animal, independente do animal, sendo os municípios responsáveis pela saúde pública dos animais de estimação, e o Ministério do Meio Ambiente responsável pelos demais animais. Segundo esta constituição, é dever de todos proteger a fauna e a flora de todas as maldades proibidas por lei.

Em relação a outros países encontra-se, no site da World Animal Protection (2019) informações sobre o BEA que são importantes do ponto de vista comparativo. Neste capítulo, trago alguns exemplos.

No Canadá não existem leis federais que reconheçam que os animais têm sentimentos ou consciência, embora o código penal reconheça que estes podem sofrer. O código penal, seção 445(1), (2), separa o conceito de sofrimento, de dor e dano, e trata também do abandono dos animais. A seção 446 diz que deixar animais domésticos sem água, abrigo, comida adequada e carinho, é uma ofensa aos mesmos.

Cada província e território tem também sua própria legislação com relação ao BEA, de acordo com o que reconhecem a respeito da sensibilidade do animal, diferente do âmbito federal, e preferem utilizar da sua legislação ao código penal. Grande parte das províncias define para a maioria das espécies padrões básicos de cuidados. Outro fator que levam em consideração é o uso dos animais, o nível de proteção fornecido, já que em muitos locais é feita a prática de caça, por exemplo.

Em todas as províncias há leis que fornecem algum tipo de proteção aos animais de estimação. No Quebec, por exemplo, existem leis de proteção sanitária e de segurança. Na Nova Escócia, há leis que proíbem qualquer tipo de crueldade. Já em Yukon, as leis de proibição

ao sofrimento não se aplicam quando estes resultam de alguma atividade legal, desde que sejam realizadas de alguma maneira humana.

Na Argentina, é na Lei 14.346 de 1954 que estão as diretrizes de proteção animal no código penal. Neste país não existe de fato um reconhecimento da senciência animal em lei, porém existe o reconhecimento de certos aspectos, sendo que algo muito tratado é a diminuição do sofrimento aos animais. A lei na Argentina trata basicamente de dois tipos de crimes, o abuso ou maus tratos, e a crueldade aos animais. Sendo que boa parte diz respeito à animais de estimação e animais utilizados em experiências laboratoriais.

A Nova Zelândia é um dos poucos países que reconhece o Bem-estar animal e o trata como questão independente. Desde 1999 existe uma lei de BEA, onde não especificamente trata os animais como seres sencientes, porém em 2013 foi proposta uma reforma na lei para o reconhecimento explícito. De qualquer forma, na lei já é estabelecido o cuidado com os animais referente a sofrimento, dor e suas necessidades comportamentais.

Diferente dos países citados anteriormente, no Irã, por exemplo, não existe nenhuma legislação contra a crueldade aos animais ou de proteção aos mesmos.



#### **4 PERCEPÇÕES SOBRE O BEM-ESTAR ANIMAL EM FLORIANÓPOLIS: UM ESTUDO COM INTEGRANTES DA ORGANIZAÇÃO BEM ANIMAL (OBA)**

Quando o projeto começou a ser desenvolvido, tinha-se a ideia de entrevistar a DIBEA, porém, por conta do tempo, não foi possível, sendo assim, foram entrevistados três voluntários da OBA e a antiga diretora da DIBEA, que também não deixa de ser uma voluntária da OBA. Já com relação as perguntas, estas estavam semiestruturadas, mas o que se buscava era um diálogo com estas pessoas, em que elas pudessem contar histórias, aprofundar mais a conversa.

Um fato curioso, é que um dos locais da entrevista, onde foram entrevistadas duas voluntárias, foi uma feira de adoção, onde ambas estavam voluntariando em prol dos animais.

Todas as entrevistadas, fato que lembra o que Osório (2017a) comenta em um dos seus artigos em que a maioria dos voluntários são do sexo feminino, tiveram animais desde criança, e ainda hoje tem. Mariana, atua como voluntária desde os seus 16 anos, e na OBA há 8 anos. Já Julia, diz que passou a se envolver de forma ativa quando conheceu a OBA e o projeto Cão Terapia há 8 anos. Assim como Julia, Cecilia também passou a atuar de forma atividade na causa animal, quando conheceu o projeto Cão Terapia da OBA, há 5 anos. Antes disso, Cecilia comenta que ajudava ONGs e protetores com doações e divulgando o que era necessário.

Quando questionadas sobre o que entendem por BEA, as respostas são diferentes, mas levam a um final em comum, o bem do animal. Mariana diz que o animal não precisa de luxo, mas do básico, em que compreende como fornecer uma comida que tenha todos os nutrientes que esta precisa, carinho, e ter condições de caso o animal ficar doente, o levar ao veterinário e dar o tratamento necessário. Para Mariana, a pessoa que está se comprometendo em ter um animal, deve ter condições de cuidar dele, e ter noção dos cuidados necessários. Sendo isto o que acredita ser o mais importante, as pessoas terem consciência de que os animais têm necessidades e estas devem ser respeitadas. Julia, assim como Mariana, também cita estes cuidados como primordiais, que de acordo com ela o BEA animal é quando o animal não passa por nenhum desconforto, tendo atenção, abrigo, comida de qualidade e atendimento de saúde. Acredita que o mais importante dentro da questão do BEA é tudo aquilo que engloba um conforto de vida. Cecília acredita em BEA animal para todos os animais.

Para os pets, em que compreende como cães e gatos, ela acredita no princípio básico de que estes devem viver livres de crueldade, ter alimentação de qualidade, água limpa, abrigo de sol, chuva, e assistência médica. Comenta, que no seu dia a dia tenta não maltratar nenhum animal. “Por exemplo, ontem mesmo eu estava discutindo com o meu marido sobre as baratas. Que é um animal que eu não consigo ver beleza, mas eu também não quero maltratar. Então eu busco respeitar todas as formas de vida, mesmo que eu não consiga ver muita beleza ali. Uma outra questão que eu quero ver lá no meu condomínio sobre o BEA, é a questão dos controles de pragas. Porque é muito comum as pessoas usarem aqueles controles que matam cruelmente as pragas, que na realidade são animais, então os ratos, por exemplo, ficam duas horas ali em agonia, com hemorragia interna para morrer. Então eu acho impossível a gente viver em um condomínio cheio de ratos, baratas e aranhas, mas há um controle de pragas com conceito bem estarista. Então eu quero discutir isso, para que seja uma forma de morte menos cruel para esses animais.” Quando a pergunto sobre o que acredita ser o mais importante dentro do BEA, Cecília, apesar de acreditar na teoria abolicionista, acha muito difícil essa ideia vigorar nos dias de hoje, então diz que deveríamos ser bem estaristas. “Então, o mais importante, seria a conscientização de que os animais são seres individuais, sencientes, e com direito de vida própria. Que seria o ideal do abolicionismo né. Você vai deixar o animal viver como ele quer. O animal selvagem no selvagem e, os animais de produção não seriam mais animais de produção, não sei o que a gente faria com tanto animal de produção. Mas respeitar os animais como seres sencientes individuais. Mas como isso é muito utópico para hoje, para a atualidade, acho que um dia a gente chega nisso, mas para hoje, seria a questão do respeito com o animal que está próximo da gente. Então se eu to próximo de um cão, próxima de um gato, próxima de um rato, que está na minha casa, eu vou olhar para ele como um ser que eu posso respeitar. Eu não preciso viver com um rato na minha casa, se eu quiser eu vivo, mas se eu não quiser, eu não preciso viver, mas eu não preciso espanca-lo.”

Após serem questionadas sobre o que entendem por BEA, as perguntei se acreditam que este existe em Florianópolis. Julia acha que em um todo, não existe. A mesma acha que falta compreensão de muitas pessoas sobre o assunto. Cita que agora a prefeitura voltou a fazer campanhas de marketing, e julga estas boas, mas não acredita que estas iram mudar a realidade. Sente que falta iniciativa deles. Que ainda existem muitos cães em situação de rua, falta serviços a serem prestados à população, um auxílio aos protetores independentes. Já Mariana acha

está uma pergunta complicada de responder. A mesma até acredita que existe, mas muito menos do que deveria, e cita uma situação que a deixa chateada com relação ao assunto na cidade. Conta que as pessoas têm o costume de comparar, se a pessoa está ajudando um animal, é porque não está ajudando uma pessoa. Diz que estes comentários são bem desanimadores, e reforça a falta de compreensão das pessoas, que a prefeitura deve ajudar a construir essa atitude de compreensão para com os animais, e que é papel também dos pais, irem ensinando desde pequeno seus filhos a respeita-los. Cecília, assim como Mariana, acredita que existe BEA na cidade, porém que ainda tem muito o que crescer. Vê a questão do BEA como nova na cidade, algo que está sendo mais discutido atualmente, e que acha positivas as propagandas que a prefeitura tem feito, expondo muitas violências que os animais sofrem. Diz que não é uma população que participa muito do cuidado com animais, mas que mesmo assim, estas propagandas ajudam a fazer estes pensarem. Porém, quanto ao que precisa melhorar, cita as questões políticas como bem problemáticas, não só em Florianópolis, como no Brasil todo. Acha que tem muitas legislações que precisam melhorar, avançar. Que estas questões deveriam ser discutidas por pessoas que entendem, para ser possível mudar a legislação. Além disso, fala dos tratamentos que existem para os animais e não são divulgados ou de difícil acesso, e da de exemplo a questão da leishmaniose, “que já existe tratamento, super barato, mas ainda tem muitos entraves para os donos de cachorros que tem leishmaniose consiga tratar o seu animal, nesse barato. Isso poderia ser melhor discutido, muito mais discutido por pessoas que entendem, para mudar legislação, mudar tratamento, divulgar tratamento que já existe. Então tem muita coisa ainda para melhorar.”

Por fim, as pergunto sobre o que acreditam que ainda possa ser feito pelos animais. Julia, assim como Mariana, reforçam a questão da falta de compreensão e sensibilidade. De acordo com Julia, as pessoas deveriam olhar com mais carinho para a causa animal, e cita como exemplo a cultura da compra de animais, em que afirma que não existe diferença, por exemplo, entre um cão adota e um compra. Ambos são cães. E Mariana, cita novamente o fato de os animais terem necessidades e de que temos que ter a obrigação de respeita-las. Cecília cita também a questão da conscientização das pessoas, mas dá como exemplo os produtos testados em animais. Ela acredita que deve existir mais alternativas a estes produtos e que devem ser mais divulgados. Além disso, fala que precisa ser feita mais campanhas educativas,

campanhas tanto públicas quanto privadas, e reforçar o cuidado ao meio ambiente, pois acredita que, cuidando do meio ambiente, cuida consequentemente dos seres que vivem nele. E um dos pontos mais cruciais para ela, é a legislação, que deve ser mudada.

Por conta do tempo, a entrevista com a antiga diretora da DIBEA foi realizada de forma diferente. As perguntas foram enviadas a mesma, em que me respondeu por tópicos poucos dias antes da entrega do projeto. Dessa maneira, por conta do tempo, irei trabalhar com as respostas de maneira diferente.

Fabiana, dirigiu a DIBEA por 2 anos, e voluntaria na OBA há 11 anos. Antes disso voluntariava em outra ONG e hoje se considera uma ativista independente. A mesma, que atualmente tem dois cães adotados, diz que desde a infância tem animais, que sua mãe sempre teve muita sensibilidade para com eles e estimulou ela.

A respeito do que entende ser BEA, Fabiana traz dois argumentos. Um deles de que BEA é quando o animal “é respeitado em todos os aspectos, principalmente quando se refere à sua natureza, e dispõe dos cuidados e amparo adequados. Já num conceito macro, são políticas públicas que garantem os direitos dos animais e ofereçam proteção, saúde (inclusive saúde pública, mas na perspectiva de saúde do coletivo), garantia de direitos respeitados e educação ambiental para conscientizar sobre a inter-relação entre todos os seres.”.

Sobre se acredita se existe BEA em Florianópolis, a mesma responde que sim. Afirma que a cidade fez muitos avanços quanto as ações públicas favoráveis aos animais, e que conseguiu formar uma consciência de proteção sólida na sociedade civil. Ainda diz que grande parte do sucesso é devido ao trabalho das ONGs na cidade. Porém, diz que falta “dissociar o bem-estar animal de grupos políticos e tornar os órgãos da prefeitura neste campo (DIBEA e CCZ) independentes de partidos e legisladores.”.

Ainda sobre a cidade, Fabiana diz que não se pode parar de pensar em ações em prol dos animais, que precisa combater e enfraquecer algumas tradições, como engaiolar passarinhos e a farra do boi. “Precisamos de um novo e atualizado protocolo de enfrentamento da leishmaniose visceral, pois a eutanásia, além de condenar os cães, tem se mostrado inócua no controle da doença. Temos que garantir através de leis o direito ao tratamento do animal doente sob responsabilidade do poder público quando o tutor não tiver condições financeiras; temos que exigir medidas de prevenção e combate ao mosquito, bem como o “encoleiramento” dos cães nas áreas com casos da doença.”.

A partir das entrevistas é possível notar o comportamento que Osório (2017a) discute, em que os protetores de animais os veem como seres sencientes. Além disso, podemos perceber que estes se encaixam no que ela chama de predisposição, em que desde criança já tem contato com animais, passando assim a ter ainda mais interesse por eles e seus cuidados. Quanto ao que acreditam ser BEA, pode-se dizer que é um conjunto do que vimos anteriormente quanto aos significados de BEA. Elas acreditam que é a qualidade de vida dos animais, assim como diz Appleby, na importância de atender suas necessidades física e mental, assim também como Hughes, e como Broom, Singer e Regan descrevem de certa forma, que devemos estabelecer normas de cuidados para com os animais.



## 5 CONCLUSÃO

Desde o início, esse trabalho passou por diversas adaptações. Quando finalmente decidi falar sobre bem-estar animal, a ideia era discutir sobre esse termo em Florianópolis, porém, com a descoberta de que não existe um significado para bem-estar animal, mas uma polissemia de significados, ficou inviável seguir com este objetivo sem antes abrir a possibilidade para identificar esses vários entendimentos. Até mesmo os entrevistados que estão no meio, lidam com o assunto diariamente, não conseguem facilmente definir essa questão.

A cidade em si, tem mudado drasticamente quando o assunto são os animais. É possível ver a preocupação em falar sobre eles, em trazer à tona a discussão sobre o meio ambiente, a importância do respeito ao meio em que vivemos. As entrevistadas apontaram o quão isto é importante para fomentar um debate mais amplo na sociedade civil. Porém, da mesma forma, reforçam que muito ainda precisa ser feito em Florianópolis pela causa animal. Como Julia, uma das entrevistadas, comenta, sobre a grande quantidade de animais de rua cidade. Em reportagem publicada em agosto de 2018 pela ND+, a prefeitura estimava ter mais de 10 mil animais nesta situação em Florianópolis. Fora os animais que tem abrigo, porém sofrem maus tratos.

Dessa maneira, assim como as entrevistadas trouxeram à tona, acho necessário haver uma avaliação das leis para deixa-las mais atuais e atender a situação em que estamos vivendo. A entrevistada Cecilia, acredita que o mesmo deve ser discutido por pessoas do meio, para ter um olhar diferenciado sobre tal, o que concordo, assim como foi a razão pela qual decidi entrevistar este grupo de pessoas.

Além disso, como os animais não podem falar por si, acredito que assim como Broom, devemos descrever as obrigações que temos para os animais, e não os direitos que eles têm, dessa forma, independente de gostar ou não, terá que os respeitar.

Por fim, para obter um bom resultado de pesquisa, e poder concluir se existe ou não bem-estar animal na cidade, acredito que deve ser feito entrevista com um maior número de pessoas e também entrevistas com pessoas que não tem contato direto com os animais para fazer o contraponto. Considero importante também ser debatido o significado de bondade e maldade para poder trabalhar melhor estes termos quando aparecem no texto, deixando mais fácil a compreensão do que está sendo falado.

Este trabalho deixa como pista de pesquisa, a investigação do fechamento do projeto Cão Terapia no Centro de Controle de Zoonoses.



## REFERÊNCIAS

ABINPET. **Mercado Pet Brasil 2018**. 2018. Disponível em: <http://abinpet.org.br/mercado/>. Acesso em: 08 fev. 2019.

BROOM, D. Bem-estar Animal. *In*: YAMAMOTO, M. E.; VOLPATO, G. L. (ed.). **Comportamento Animal**. Natal: UFRN, 2011. p. 457-482. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/299518914\\_Bem-estar\\_animal](https://www.researchgate.net/publication/299518914_Bem-estar_animal). Acesso em: 22 set. 2018.

BROOM, D. **O Bem-estar Animal**: a educação, a ciência e os valores. 2003. Disponível em: [http://www.grupoetco.org.br/arquivos\\_br/pdf/Workshop/08%20O%20Bem-Estar%20Animal%20a%20Educa%C3%A7%C3%A3o,%20a%20Ci%C3%Aancia%20-%20Donald%20M%20Broom.pdf](http://www.grupoetco.org.br/arquivos_br/pdf/Workshop/08%20O%20Bem-Estar%20Animal%20a%20Educa%C3%A7%C3%A3o,%20a%20Ci%C3%Aancia%20-%20Donald%20M%20Broom.pdf). Acesso em: 13 set. 2018.

COMO surgiu a preocupação com o bem-estar animal? [2016?]. Disponível em: <http://ruralcentro.uol.com.br/analises/como-surgiu-a-preocupacao-com-o-bem-estar-animal-3641>. Acesso em: 10 set. 2018.

GAEDTKE, K. M. **“Quem não tem filho caça com cão”**: animais de estimação e as configurações sociais de cuidado e afeto. 2017. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

GIUMELLI, R. D.; SANTOS, M. C. P. Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 49-58, jun. 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672016000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 30 jun. 2019.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94074.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

IBGE. **População de animais de estimação no Brasil**. 2013. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-tematicas/insumos-agropecuarios/anos-anteriores/ibge-populacao-de-animais-de-estimacao-no-brasil-2013-abinpet-79.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

MACIEL, C. T. **Bem-estar animal: desafios sociais de um termo em construção**. 2009. 235 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MANTILLA, S. P. S. **Bem-estar Animal**. 2019. Disponível em: <https://www.infoescola.com/medicina-veterinaria/bem-estar-animais/>. Acesso em: 10 set. 2018.

MAZON, M. da S.; MOURA, W. G. de. Cachorros e humanos: Mercado de rações pet em perspectiva sociológica. **Civitas**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 136-158, 2017.

MOREIRA, R. F.; RENNÓS, L. N. Marcos, origem e evolução dos 200 anos de bem-estar animal. *In*: SIMPAC, 2., 2010, Viçosa. **Anais [...]**. Viçosa: [s. n.], 2010. p. 159-164.

MOVIMENTO “Sou Bem Floripa” vai beneficiar o cuidado com os animais abandonados. 29 ago. 2018. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/movimento-sou-bem-floripa-vai-beneficiar-o-cuidado-com-os-animais-abandonados/>. Acesso em: 17 jun. 2019.

NO BRASIL, 44,3% dos domicílios possuem pelo menos um cachorro e 17,7%, um gato. 28 jul. 2016. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2016/07/28/interna\\_nacional,788614/no-brasil-44-3-dos-domicilios-possuem-pelo-menos-um-cachorro-e-17-7.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2016/07/28/interna_nacional,788614/no-brasil-44-3-dos-domicilios-possuem-pelo-menos-um-cachorro-e-17-7.shtml). Acesso em: 22 set. 2018.

OSÓRIO, A. B. Conversões e predisposições à proteção de animais de rua: vocações, sensibilidades e moralidades. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 48, p. 253-254, 2017a.

OSÓRIO, A. B. Dádiva e antiprofissionalização na proteção a animais de rua. **Ambivalências**, São Cristóvão, v. 5, n. 10, p. 105-137, 2017b.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. **Legislação de proteção animal**. 2018. Disponível em:

<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/bemestaranimal/index.php?cms=legislacao+de+protecao+animal&menu=7&submenuid=451>. Acesso em: 08 set. 2018.

REGIS, A. H. de P.; CORNELLI, G. Situação jurídica dos animais e propostas de alterações no Congresso Nacional. **Revista Bioética**, Brasília, v. 25, n. 1, p. 191-197, 2017. Disponível em:

[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-80422017000100191&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422017000100191&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 30 jun. 2019.

SEGATA, J. **Nós e os outros humanos, os animais de estimação**.

2012. 200 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SEGATA, J. Quando o animal dura mais que a estimação. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 831-856, 2016. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132016000300831&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132016000300831&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 30 jun. 2016.

SILVA, J. O. M. da. Especismo: porque os animais não-humanos devem ter seus interesses considerados em igualdade de condições em que são considerados os interesses semelhantes dos seres humanos. **ethic@**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 51-62, 2009.

SINGER, P. **Libertação Animal**. [S. l.]: HarperCollins, 1975.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 –1800). São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

WORLD ANIMAL PROTECTION. 2019. Disponível em:

<https://www.worldanimalprotection.org.br/>. Acesso em: 03 fev. 2019.



### **APÊNDICE A – Perguntas semiestruturadas**

- 1) Desde quando se interessa por animais?
- 2) Tem animais atualmente?
- 3) Há quanto tempo atua de forma mais ativa na causa animal?
- 4) O que você entende por bem-estar animal?
- 5) O que acredita ser o mais importante para o bem-estar animal?
- 6) Acha que existe bem-estar animal em Florianópolis? Por que?
- 7) Acredita que possa ser feito mais pelos animais? O que?